

JOSTEIN GAARDER

A
VIDA
É BREVE

5^A
EDIÇÃO

 EDITORIAL PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

A VIDA E BREVE

Carta de Flória Emília a Aurélio Agostinho

Tradução de Maria Luísa Ringstad

FICHA TÉCNICA

Título original: *Vita Brevis*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Maria Luísa Ringstad*

Fotografia: *Getty Images/Image One*

Capa: *Vera Espinha*

Fotocomposição, impressão e acabamento: *Multitipo*

— *Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, Dezembro, 1998

2.^a edição, Lisboa, Junho, 1999

3.^a edição, Lisboa, Março, 2000

4.^a edição, Lisboa, Março, 2001

5.^a edição, Lisboa, Julho, 2006



Quando visitei a Feira do Livro de Buenos Aires, na Primavera de 1995, recomendaram-me vivamente que reservasse uma manhã para a famosa feira da ladra de San Teimo.

Após algumas horas de arrebatamento diante das bancadas ao ar livre, acabei por me refugiar num pequeno alfarabista. Entre uma modesta seleção de manuscritos antigos, os meus olhos foram atraídos por uma caixa vermelha que tinha uma etiqueta onde se lia: Codex Floriae. Algo despertou o meu interesse e abri a caixa cautelosamente. Lá dentro descobri um maço de folhas manuscritas que pareciam antigas, muito antigas, e verifiquei rapidamente que o texto era em latim.

Numa linha à parte, havia uma saudação inicial escrita em maiúsculas: «Flória Aemilia Aurelio Augustino Episcopo Hipponiensi Salutem.» Flória Emília saúda Aurélio Agostinho, bispo de Hipona... Devia tratar-se de uma carta. Mas seria realmente uma carta endereçada a esse teólogo e padre da Igreja que, a partir de meados do século IV, passou a maior

parte da sua vida no Norte de África? E teria essa carta sido enviada por uma mulher chamada Flória?

Eu conhecia bem a biografia de Agostinho. Nenhuma outra figura mostra com tanta clareza a profunda mudança cultural que teve lugar na transição da antiga cultura greco-romana para a cultura cristã, que viria a caracterizar a Europa até aos nossos dias. A melhor fonte para conhecer a vida de Agostinho é, naturalmente, ele próprio. As suas Confissões (Confessiones, escritas por volta do ano 400) proporcionam uma visão única do agitado século IV, assim como dos seus próprios conflitos espirituais, relacionados com a fé e a dúvida. Agostinho é, talvez, o indivíduo anterior à Renascença que mais próximo de nós está.

Mas que mulher lhe poderia ter escrito uma carta tão extensa? Na caixa havia pelo menos setenta ou oitenta folhas. Eu nunca ouvira falar de um tal documento.

Tentei traduzir uma outra frase: «Como é estranho ter de te saudar nestes termos! Em tempos que já lá vão, teria escrito apenas "para o meu pequeno e divertido Aurélio".» Não estava muito certo da tradução, mas não restavam dúvidas de que esta carta evidenciava um tom muito pessoal.

De repente ocorreu-me um pensamento: poderia esta carta ser daquela mulher que fora a concubina de Agostinho durante anos; isto é, da mulher que ele próprio conta ter tido que deixar por ter escolhido abster-se para o resto da vida de todo o amor sensual? Senti um calafrio porque sabia bem que a única coisa que se conhece da tradição agostiniana sobre essa infeliz mulher ou sobre a sua longa convivência com Agostinho, é o que ele próprio escreve nas suas Confissões.

Passados alguns momentos o alfarrabista aproximou-se e apontou para a caixa. Eu estava ainda petrificado pela importância do manuscrito que estava a tentar avaliar.

— *Uma maravilha!* — disse o homem.

— *Sim, penso que sim...*

Eu já tinha dado algumas entrevistas aos jornais e à televisão por ocasião da Feira do Livro e o homem reconheceu-me.

— *El Mundo de Sofia?*

Confirmei com a cabeça. Então o alfarrabista inclinando-se sobre a caixa, abriu-a e colocou-a em cima de um pequeno monte de outros manuscritos como se quisesse dar a entender que não estava muito interessado em vender aquele. Talvez ele tenha ficado um pouco mais receoso depois de se ter apercebido de quem eu era.

— *Uma carta a Santo Agostinho?* — perguntei. *O seu sorriso denotava inquietação.*

— *Acha que esta carta é autêntica?*

— *Não é impossível* — disse ele. — *Chegou-me às mãos há poucas horas, mas se eu tivesse percebido que se tratava do manuscrito que realmente parece ser, não estaria aqui.*

— *Como é que arranjou isto?* O alfarrabista riu-se:

— *Se eu não soubesse proteger os meus clientes, estaria fora deste ramo há muitos anos.*

Uma imensa curiosidade apoderou-se de mim.

— *Quanto pede por isto?* — perguntei.

— *Quinze mil pesos.*

Quinze mil pesos pareceu-me um exagero por um manuscrito que, embora parecesse ser uma carta da concubina de Agostinho, tinha provavelmente apenas alguns séculos. Na melhor das hipóteses, podia tratar-se da reprodução de uma carta até agora desconhecida, para o padre da Igreja ou, mais provavelmente, da cópia de outra reprodução ainda mais antiga. Não se podia excluir a hipótese de ter sido escrita em algum convento latino-americano durante o século XVII ou XVIII. Verdade seja dita, até mesmo nesse caso era uma coisa que valia a pena

levar para a Europa. Ouvi dizer que em certas comunidades religiosas os Santos Católicos escreviam ou recebiam, de vez em quando, este tipo de carta apócrifa.

Visto que o alfarrabista ia fechar a loja, apressei-me a apresentar-lhe o cartão Visa.

— Doze mil pesos — disse eu.

Ofereci-lhe quase cem mil coroas norueguesas por uma coisa que, provavelmente, não tinha qualquer valor como antiguidade. Mas eu sentia uma grande curiosidade pelo manuscrito e não era, com certeza, a primeira pessoa que pagava caro pela sua curiosidade. Quando li as Confissões de Santo Agostinho pela primeira vez, muitos anos antes, tentei colocar-me na situação desta concubina. A visão que Agostinho tinha do amor entre homem e mulher impressionou-me profundamente.

O livreiro aceitou a oferta, dizendo:

— Acho que devemos considerar esta compra e venda como uma espécie de risco partilhado.

Mostrei-me surpreendido, porque não compreendi o que o homem pretendia dizer com aquilo. Então explicou-me:

— Ou estou a fazer um negócio estupendo ou é o senhor quem está a fazer uma compra ainda melhor.

Registrou o cartão de crédito e disse com um ar sombrio:

— Nem tive tempo de ler o manuscrito. Dentro de dias, o preço subiria consideravelmente ou eu mesmo atiraria esta caixa vermelha para o caixote do lixo que vê ali em frente.

O cesto que indicava estava repleto de livros de bolso velhos, e tinha um cartaz onde se lia: «2 pesos».

Fui eu quem fez o melhor negócio. O Codex Floriae é efetivamente dos finais do século XVI e foi, muito provavelmente, escrito na Argentina. A grande dúvida é se existiu, realmente, um pergaminho antigo a partir do qual foi reproduzido o Codex Floriae.

Mas estou absolutamente certo de que se trata de uma carta autêntica, escrita por aquela que foi a amante de Agostinho durante muitos anos. Não me parece possível que tenha sido falsificada na Argentina nos finais do século XVI. É mais natural aceitar que o original provém da época de Santo Agostinho. Tanto a sintaxe como o vocabulário usados no documento apresentam a marca inconfundível da antigüidade; o mesmo acontece com a mistura de sensualidade e reflexão religiosa quase desesperada que Flória deixa transparecer.

No Outono de 1995 levei o manuscrito à Biblioteca do Vaticano, em Roma, com o propósito de conseguir uma análise mais exata. Porém, ali pouco me ajudaram. Antes pelo contrário: o Vaticano negou veementemente ter recebido qualquer Codex Floriae. O fato não me surpreendeu, embora não possa presumir, de ânimo leve, que a carta de Flória pertença à Igreja Católica.

Guardei, naturalmente, uma cópia do manuscrito e, na Primavera de 1996, tentei dar-lhe forma em norueguês. Quando na carta há citações das Confissões de Santo Agostinho, sigo a excelente tradução norueguesa dos dez primeiros livros feita por Oddmund Hjeldes.

O trabalho de tradução foi um quebra-cabeças sem precedentes, entre outras coisas, porque o manuscrito não estava paginado. Mas ao mesmo tempo foi imensamente estimulante ter tido esta oportunidade para refrescar antigos conhecimentos de latim que adquirir há muito no Instituto da

Catedral de Oslo (1968-1971). Voltei a recordar com gratidão o meu velho professor de Latim, Oskar Fjeld. É fascinante verificar como as velhas conjugações e declinações continuam gravadas na minha memória. Mesmo assim, sem a preciosa ajuda de Oivind Andersen, esta tradução não teria sido possível. Gostaria também de agradecer a Trond Berg Eriksen, Egil

Kraggerud, Oivind Norderval e Kari Vogt pelas palavras encorajadoras e pelos bons conselhos.

Ficaria muito satisfeito se esta publicação do Codex Floriae viesse a despertar o interesse pela língua latina e pela cultura clássica em geral.



FLÓRIA EMÍLIA SAÚDA
AURÉLIO AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA

Como *é* estranho ter de saudar-te nestes termos! Há muito, muito tempo, teria escrito apenas «para o meu pequeno e divertido Aurélio». Mas passaram já mais de dez anos desde a última vez que me abraçaste e, entretanto, muitas coisas mudaram.

Escrevo-te porque o sacerdote de Cartago deu-me a ler as tuas confissões. Deve ter pensado que os teus livros seriam uma leitura construtiva para uma mulher como eu. Na qualidade de catecúmena,¹ há já muitos anos que estou ligada a esta comunidade, mas não desejo ser batizada, Aurélio. Não é o Nazareno que me impede de dar tal passo, nem tão-pouco os quatro Evangelhos. Pura e simplesmente não quero ser batizada.

¹ i.e., ouvinte. Flória usa a palavra latina *auditor*.

No teu Livro VI escreves: «Afastaram de mim, como impedimento para o matrimônio, aquela com quem eu partilhava o leito. O meu coração, tão preso a ela, ficou destroçado e ferido até sangrar. Voltou para África, fazendo-Vos² voto de jamais conviver com outro homem e deixando-me o filho natural que tivemos.»³

² i.e., Deus. *Confessiones* é escrita sob a forma de confissões de Santo Agostinho a Deus.

³ *Conf.* VI, 15.

É bom verificar que ainda recordas os laços fortes que um dia nos uniram. Sabes perfeitamente que a nossa união foi mais do que uma relação fugaz, tão freqüente antes de os homens casarem. Fomos fiéis um ao outro durante mais de doze anos e tivemos um filho juntos. Muitas vezes acontecia que pessoas que nos encontravam, nos tomavam por marido e mulher segundo o preceito legal. Tu apreciavas isso, Aurélio. Creio mesmo que tinhas orgulho nisso, enquanto muitos homens têm vergonha das suas mulheres. Lembras-te daquela vez em que atravessamos o rio Arno? De repente, fizeste-me parar e, pousando a tua mão sobre o meu ombro, disseste algo. Lembras-te desse episódio?

Escreves freqüentemente que omites muitas coisas e que de outras já não te lembras. Desculpa-me, mas vou refrescar-te a memória sobre alguns pontos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

